

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	--	--	--	--	F40	--
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Goiás
LOCALIDADE	Catalão
MUNICÍPIO / UF	Catalão-Go

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Terno de Catupé		
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Catupé Cacunda		
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA		

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	João Batista de Souza (João Ranhão)		☒ MASCULINO ☐ FEMININO
OCUPAÇÃO	Pedreiro Aposentado	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	10/09/1947
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE OUTRO		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



DANÇA. COREOGRAFIA CATUPÉ PENACHO. ANA PAULA RODRIGUES, 2007

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

**ADEREÇO. PENACHO. CATUPÉ PENACHO. ALEX RATTS, 2007**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--



ALMOÇO DO TERNO. ANA PAULA RODRIGUES, 2007

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

A Congada de Catalão é parte da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário que acontece em um período de onze dias com fim no segundo fim de semana de outubro. A congada participa da alvorada festiva, marcando o início da comemoração, e volta a participar nos últimos três dias da festa: no sábado, com o levantamento dos mastros de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito; no domingo, com as procissões durante a manhã e fim da tarde e visitas durante todo o dia; e na segunda-feira, nas visitas e na entrega da coroa, ritual que encerra a festa.

Em Catalão encontramos os Catupés *Cacunda de Nossa Senhora*, *Cacunda São Benedito*, *Nossa Senhora do Rosário*, *Penacho* e *Santa Efigênia*. As funções rituais das quais eles participam são as seguintes:

As atividades dos ternos geralmente começam no mês de agosto, quando se iniciam os ensaios, que são na casa do capitão ou em uma casa de referência para o terno. Os Catupés, assim como os demais ternos, se apresentam nas ruas da cidade de Catalão. A primeira saída do grupo acontece a partir da casa de referência do terno, que pode ser ou não a casa do capitão, no dia da alvorada. A alvorada, que ocorre de quinta para sexta-feira do primeiro fim de semana de outubro, é o primeiro dia da festa, que compreende, geralmente, um período de onze dias com encerramento na segunda-feira da semana seguinte. Em alguns anos esta segunda-feira coincide com o dia 13 de outubro, dia reservado para a celebração de Nossa Senhora do Rosário em Catalão, apesar de o calendário litúrgico da Igreja Católica estipular a data de 7 de outubro.

A saída do terno na madrugada é feita em silêncio em direção à capela de Nossa Senhora do Rosário. É o General, autoridade responsável por proclamar o início da Festa de Nossa Senhora do Rosário, quem dá o apito após a benção do padre, autorizando os ternos a começarem a malhar, batendo suas caixas e entoando seus cantos pelas ruas de Catalão.

Após o apito do general, os ternos saem pelas ruas no entorno da capela conclamando os moradores para a festa, informando que esta está iniciada. Posteriormente os ternos caminham em direção ao Centro do Folclore para o café da manhã, oferecido pelo festeiro do ano e sua comissão, composta por aproximadamente vinte casais colaboradores.

Os ternos voltam a fazer parte da Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário no fim de semana seguinte. No sábado, os ternos se reúnem na casa do mordomo do mastro por volta das 18hs. Neste dia os ternos não saem fardados; geralmente usam camisetas personalizadas que mudam a cada ano. Defronte a esta residência os ternos cantam e dançam reverenciando as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A ordem dos ternos no cortejo se dá de acordo com a ordem de chegada na casa do mordomo, com exceção dos Moçambiques, que ocupam, tradicionalmente, os últimos lugares no cortejo, acompanhando o Reinado e as bandeiras.

Assim, os ternos seguem em procissão em direção ao Largo do Rosário para o levantamento dos mastros, que ocorre após a benção do padre e a última novena. Até esse momento os ternos aguardam em silêncio. Logo após o levantamento, os congadeiros dançam próximo aos mastros reverenciando-os. Finalizada essa função os ternos retornam às suas casas de referência e só voltam a se apresentar no dia seguinte.

O domingo começa com a reunião dos integrantes dos ternos na casa de referência, já devidamente fardados. Em seguida se dirigem para o local do café da manhã, que muda a cada ano, uma vez que é oferecido por moradores da cidade como pagamento de promessa ou como agradecimento a Nossa Senhora do Rosário pelas bênçãos recebidas.

Após o café da manhã os ternos seguem em direção à Matriz de São Francisco localizada no bairro JK. Os festeiros são encarregados de levar para o local os andores com as imagens de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A ordem dos ternos no cortejo é dada pela chegada na igreja.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

A saída em procissão se dá logo em seguida à chegada da família real e do casal de festeiros do ano carregando a coroa, escoltados, respectivamente, por pelo menos um terno de Moçambique e pelos guarda coroa.

Os andores, os ternos de Moçambique, a família real, os festeiros e a coroa ocupam os últimos lugares no cortejo.

Saindo da Matriz de São Francisco, os ternos seguem em procissão em direção a Capela do Rosário. O trajeto muda a cada ano. Com a chegada dos ternos no Largo do Rosário, tem início a missa da congada. A liturgia da missa segue os passos de uma missa comum, sem dar destaque à congada e seus dançadores. Antigamente, a missa era realizada no interior da capela, mas com o aumento a cada ano do número de pessoas na festa, ela passou a ser realizada em um palco montado no Largo do Rosário. Terminada a missa, os ternos vão para o almoço, que pode ser no Centro do Folclore – nesse caso oferecido pela comissão de festeiros – ou em casas de pessoas que oferecem o almoço como pagamento de promessa ou em agradecimento pelas bênçãos alcançadas. A comida servida nestes almoços é variada, mas segundo os dançadores a “pelota” (almôndega de carne bovina) e a macarronada não podem faltar.

Depois do almoço os ternos realizam suas visitas, definidas pelo capitão. Muitas vezes ocorrem em residências de pessoas de importância para os ternos, como antigos capitães, por exemplo. Outras são nas casas de pessoas que convidam o terno em agradecimento por uma benção recebida ou para pagamento de promessa. Antigamente, caso o dono da casa não fosse oferecer o almoço ou café da manhã, seja por dificuldades financeiras ou por algum outro motivo, tinha-se o costume de oferecer um gole de aguardente aos congadeiros. Atualmente, isso caiu em desuso e são oferecidos refrigerantes, sorvete e quitandas.

Às 16h00 alguns ternos voltam para o Largo do Rosário para a procissão do domingo à noite. Os congadeiros acompanham a procissão sem os elementos devocionais da congada: não batem caixas e nem dançam. Muitos devotos, dançadores ou não, têm o costume de acompanhar a procissão descalços. A procissão inicia e termina no Largo do Rosário. É bastante marcante a quantidade de crianças vestidas de anjo para pagamento de promessa. A missa se inicia no fim da procissão.

Nesta missa é dada como encerrada a parte religiosa da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário. Verifica-se nesta missa uma grande quantidade de devotos não dançadores. O Largo do Rosário e as ruas próximas ficam repletos de pessoas. Ao fim da missa, há uma intensa queima de fogos que aumenta a cada ano.

Desde o ano de 2003, a santa é levada à igreja por um cabo de aço saindo do palco. A santa cruza o largo suspensa em meio à queima de fogos, encerrando, assim, a parte religiosa da festa – a parte festiva só terá fim na segunda-feira com a entrega da coroa. Ao fim desta missa, os ternos que ainda se encontram no largo reverenciam Nossa Senhora do Rosário com seus cantos e danças.

Na segunda-feira pela manhã os ternos continuam suas visitas pela cidade até por volta das 15hs, quando começam a se reunir para o último compromisso oficial da congada, a entrega da coroa. Nessa função ritual é dada como encerrada a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, bem como a parte “folclórica” - como a congada é designada nos cartazes da festa. O cortejo de entrega da coroa começa na casa do festeiro do ano e segue em direção à casa do festeiro do próximo ano. O Moçambique - pelo menos um - conduz a Família Real e a coroa é levada pela polícia, pela diretoria da irmandade e pelos guarda coroa. Tal procedimento é tanto pela importância histórica da coroa quanto pelo seu valor financeiro, uma vez que é toda feita em ouro maciço e já ter havido uma tentativa de roubo em Catalão. Durante o restante do ano, a coroa fica guardada no cofre de um banco, configurando o ritual de entrega da coroa apenas como uma cerimônia simbólica, onde ocorre a transmissão da responsabilidade pela festa do festeiro atual para o festeiro do ano seguinte.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

Em uma rua em frente ou próxima à casa do festeiro do próximo ano é montado um palanque em um caminhão-palco. Ali se postam um locutor, autoridades da região - contando geralmente com o prefeito -, a Família Real e alguns casais de festeiros.

A cada ano os ternos procuram se apresentar com cantos e danças diferentes para a santa e para as comissões de festeiros (na entrega da coroa estão presentes as duas comissões: a atual e a do próximo ano). Defronte ao caminhão-palco, cada terno se apresenta até a chegada dos Moçambiques trazendo o casal de festeiros com a coroa e a Família Real.

Dessa forma, é realizada a entrega da coroa: o casal atual de festeiros passa a coroa para o casal de festeiros do ano seguinte.

No ano de 2008 a Diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário mudou a dinâmica da entrega da coroa: A coroa saiu da Capela do Rosário juntamente com os guarda coroa, o casal de festeiros, os Moçambiques e demais ternos em direção a Nova Matriz de Catalão. O caminhão-palco foi montado no estacionamento da igreja.

Outra inovação da diretoria da Irmandade consistiu em parar todos os ternos quando já próximos à Nova matriz e, os Moçambiques trazendo a Família Real, os guarda coroa e o casal de festeiros passaram no meio dos ternos chegando, assim, a frente do cortejo. A coroa foi colocada em uma mesa e foi preparado um lugar de destaque junto à coroa em um pequeno degrau defronte ao palco para que o Rei e a Rainha pudessem assistir sentados à apresentação dos ternos.

Assim que todos os ternos se apresentaram os Moçambiques voltaram a tocar para que o atual casal de festeiros pudesse, então, fazer a passagem da coroa para o casal de festeiros do ano seguinte.

Os Catupés Cacunda apresentam formação em duas filas de dançadores e a quantidade de caixas varia de quatro a oito, sempre em pares, como no vilão. Os dançadores do Catupé dançam tocando pequenos pandeiros. Suas danças são ágeis bem como suas músicas. Em meio ao terno há um ou dois sanfoneiros. As fardas são coloridas e agregadas de um cinturão bordado e com fitas que ajudam a compor as danças do terno. Em Catalão há cinco ternos de catupé e são estes os maiores ternos da congada. O Catupé Penacho se difere por utilizarem um cocar de penas na cabeça e um pequeno bastão ornamentado. O catupé mais antigo é o Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês, que veio de Minas Gerais para Catalão por volta de 1953, cuja farda é composta de camisas amarelas e saias pretas.

O Catupé Cacunda São Benedito foi formado a partir deste terno por um de seus integrantes, conhecido como Guim, no ano de 1970. Sua farda é formada de camisa azul e calça ou saia verde.

No ano de 1996, o senhor Carlos Francisco Rosa da Silva (Carlinhos), fundou o Catupé de Nossa Senhora do Rosário, cuja farda é composta de camisa branca e calça preta. As bandeirinhas vestem saias pretas e cinturão vermelho. No ano de 2002, o senhor José Gercino Vitor, conhecido como Didi, fundou o Catupé Penacho, no qual permanece como primeiro capitão. A farda do terno é composta de camisa roxa com detalhes brancos e calça ou saia preta. O cinturão do Catupé Penacho diferencia-se dos demais catupés por ser feito de cetim branco tanto para dançadores quanto para bandeirinhas e não ter as fitas características. No presente ano (2008), o senhor Saulo, que era segundo capitão do Catupé de Nossa Senhora do Rosário, fundou o Catupé de Santa Efigênia, com farda formada por camisa prata e saia ou calça preta. O cinturão das bandeirinhas é feito com cetim prata e preto.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

Os locais rituais da Congada de Catalão são a casa do capitão ou casa de referência do terno; a Capela do Rosário; o Largo ou Praça do Rosário; o Centro do Folclore; e o Ranchão.

A casa de referência do terno pode ser tanto a casa do capitão quanto a casa de uma pessoa importante para o grupo. É nesta residência onde são guardadas as caixas e demais instrumentos do terno e são realizados os ensaios - em alguns ensaios, como o dos Catopés Cacundas, a casa de referência acaba incorporando a rua de frente à residência, uma vez que os espaços privados se tornam insuficientes para o número de dançadores. Nestas residências os integrantes dos ternos encontram suportes básicos tais como água e banheiro durante os ensaios.

A construção da Capela do Rosário teve início no ano de 1936 e foi concluída em 1951. No ano de 1983 a torre da igreja desabou e teve que ser reconstruída. A Capela pertence à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Catalão e é referência comunitária e de identidade para os congadeiros. É somente no período da Festa que o grupo tem autorização para adentrar a Capela do Rosário e cultuar Nossa Senhora do Rosário com cantos e danças conduzidas pelos tambores e caixas. O dia do ensaio geral é o primeiro no qual os ternos entram na capela.

O Centro do Folclore foi construído pela prefeitura no ano de 1995. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário tem a permissão da prefeitura para gerir o espaço e é nele que fica a sede da Irmandade. Fora do período da festa o espaço é alugado pela Irmandade como forma de obtenção de renda. Durante a festa, o primeiro momento em que os ternos adentram o Centro do Folclore é na alvorada, realizada na madrugada da quinta para a sexta-feira. Os ternos entram em pequenos grupos e somente quando todos já tomaram café é que o Centro do Folclore é aberto à comunidade. O Centro é também utilizado para as ceias, que têm início na noite da sexta-feira da alvorada e vão até a sexta ou sábado seguintes. No domingo e na segunda-feira o Centro do Folclore é utilizado para o almoço da congada. Os festeiros têm a responsabilidade de oferecer alimentação para todos os ternos e para a comunidade que comparece à festa.

A Praça ou Largo do Rosário, espaço contíguo à Capela do Rosário, é tomada por diversos grupos no período da festa, tais como vendedores ambulantes e pessoas de variados locais do estado que comparecem à festa. A congada se apresenta nesse espaço em diversos momentos. A praça tem formato triangular e nela é montado um palanque para as missas campais. O Ranchão é montado apenas para o período da festa. Nele são realizadas noites dançantes com música ao vivo, bingos e leilões. Até o ano de 2006 o Rancho era construído com madeira e palha. Já nos anos de 2007 e 2008 ele foi construído com tendas. Segundo a diretoria da Irmandade o IBAMA ameaçou multá-los em função da quantidade de madeira e palha utilizada a cada ano.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Capela do Rosário. Pertence à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Catalão. Sua construção teve início no ano de 1936 e foi concluída em 1951. Em 1983 a torre da igreja desabou e teve que ser reconstruída.

Centro do Folclore. Foi construído pela prefeitura no ano de 1995. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário tem a permissão da prefeitura para gerir o espaço. É no centro do Folclore que fica a sede da Irmandade. Fora do período da festa o espaço é alugado pela Irmandade como forma de obtenção de renda.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

O Ranchão é montado apenas para o período da festa. Até 2006 o Rancho era construído com madeira e palha. Nos anos de 2007 e 2008 foi construído com tendas devido à alta quantidade de madeira e palha que era gasta anualmente. Há vinte anos a decoração do Ranchão e do Centro de Folclore é tarefa da dona Maria Helena dos Reis, que a cada ano trabalha com uma temática tentando homenagear os festeiros e Nossa Senhora do Rosário. É um trabalho conjunto da dona Maria Helena, da Comissão de Festeiros e de voluntários para a decoração dos dois espaços: *“Eu fico com a coordenação e o pessoal da comissão dos festeiros trabalha. Toda a comissão se reúne à noite no salão do folclore, o marido, as esposas, filhos, amigos e vão trabalhar. A gente fica na faixa de três meses trabalhando, durante dois ou um período, à noite. E ali tem muita coisa de positivo, porque nesses três meses os homens e as mulheres fazem trabalhos manuais. Os homens cobrem arame, picam arame e fazem florzinha, apesar de brincarem muito uns com os outros. As mulheres montam as flores e recortam também e a gente vai coordenando esse material”* (Entrevista com dona Maria Helena dos Reis). A Prefeitura de Catalão é quem arca com o custo da decoração.

O palanque, ou palco, é montado na Praça do Rosário e fica a cargo da Prefeitura, bem como a segurança e a limpeza da praça. As ruas ao redor da Capela são alugadas pela Prefeitura para os “barraqueiros” – vendedores ambulantes de diversas partes do país que vivem da renda do comércio de suas mercadorias em festas religiosas como a de Nossa Senhora do Rosário de Catalão.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

A festa acontece anualmente. Os 10 ou 11 dias de festa são previstos de tal modo que um deles seja o dia 13 de Outubro, consagrado à santa padroeira em Catalão. Inicia nove dias antes do domingo da festa com as novenas da Igreja. Na noite do segundo sábado, depois da reza de novena e terço, é erguido o mastro de Nossa Senhora do Rosário em frente a sua igreja. No domingo há a missa pela manhã. À tardinha a procissão de Nossa Senhora do Rosário incorpora os padres, festeiros, família real, os ternos da Congada e várias pessoas “da cidade e de fora” e circula pelas ruas centrais da cidade, saindo da igreja e retornando a ela. Na segunda-feira acontece a “entrega da coroa”, acompanhada por um grande cortejo que sai da casa dos atuais festeiros e vai para a residência dos novos festeiros.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1997

1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

8. BIOGRAFIA

João Batista de Souza, mais conhecido como João Ranhão, tem 60 anos é pedreiro aposentado e nasceu em Catalão. Começou a participar da congada aos sete anos para cumprir um voto que sua mãe fez por sua saúde. Na época não havia terno de Catupé e ele dançava em um terno de congo. Quando o primeiro catupé chegou de Minas Gerais, apesar de ser muito difícil conseguir autorização pra dançar no terno, ele conseguiu. Seu João Ranhão é primeiro capitão do Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês há mais de trinta anos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
---	----	----	----	----	-----	----

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES
--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

A congada é uma festa do catolicismo negro – de origem predominantemente banto – desenvolvida em um sistema escravista marcado pela imposição cultural. Apresenta uma mistura de signos e significados a partir de traduções e reinterpretações contextualizadas nas relações assimétricas de poder que marcaram o período colonial. As irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos surgem praticamente juntas com os povoamentos que se formam em função da mineração em Minas Gerais e Goiás, no século XVIII. As festas que os escravos africanos nelas realizam permitem uma sofrida reorganização social e a construção de uma nova identidade, não apenas como bantos, mas também como cristãos e escravos.

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário é talvez a mais importante expressão do catolicismo negro – predominantemente de origem banto – no Brasil, desenvolvida em um sistema escravista marcado pela imposição cultural. Apresenta uma mistura de signos e significados a partir de traduções e reinterpretações contextualizadas nas relações assimétricas de poder que marcaram o período colonial.

O culto a Nossa Senhora do Rosário foi introduzido no continente africano principalmente pelos missionários portugueses da ordem dos dominicanos, no século XV. No Reino do Congo a conversão se deu a partir de reinterpretações dos ritos e símbolos católicos portugueses a partir da própria cosmologia congoleza; isto é, rituais e insígnias foram sendo incorporados ao sistema simbólico congolês recebendo novos significados; uma espécie de tradução a partir dos próprios valores e concepções, já que fazia parte da lógica tradicional das religiões do Centro-Oeste da África a renovação por movimentos iniciados por líderes messiânicos a partir de estruturas já existentes.

A denominação *banto* vem do agrupamento em uma mesma família de povos que vivam na região centro ocidental do continente africano a partir de uma série de semelhanças lingüísticas, em que era comum a quase todos a palavra *ntu* com o sentido de gente, indivíduo, pessoa, sendo *bantu* seu plural. Assim, *banto* designa um macrogrupo com características lingüísticas e culturais semelhantes. A organização social banta se dava através de linhagens, orientada pelo sentimento de *pertencimento* e ligação com os ancestrais: toda pessoa era, antes de tudo, membro de uma família e de um clã. As linhagens, as aldeias e os clãs teciam uma solidariedade fundada na etnia e na consciência de cada um descender do mesmo antepassado.

O tráfico rompe essas linhagens e foi nas irmandades leigas que se tornou possível a resistência cultural pela vivência do sagrado a partir de conteúdos e práticas religiosas dos antepassados. Essas instituições, centrais da religiosidade colonial e barroca, desempenharam papéis diversos e por vezes difíceis de conciliar, impondo uma religião oficial e um modo de organização controlado pela Igreja e pela administração do Estado colonial, e depois imperial, ao mesmo tempo em que eram as únicas instituições nas quais negros, crioulos e pardos, escravos, libertos e livres puderam se manifestar com relativa autonomia e liberdade. Assim, os elementos europeus de devoção foram assimilados pelos negros de acordo com suas próprias concepções religiosas e vivenciados a partir de suas práticas culturais, que definiram a forma da festa de Nossa Senhora do Rosário e outros santos de devoção negra, com suas ingomas (tambores) justapostas ao Rosário, com suas divindades cultuadas à sombra dos santos católicos e preservando seus processos de iniciação. A coroação de reis e rainhas congos fazia parte das atividades dessas irmandades, tendo o rei e a rainha poderes de caráter muito mais simbólico do que de mando político sendo, no entanto, responsáveis pela sustentação financeira das Festas em devoção aos santos católicos. Existe, então, no Reinado de Nossa Senhora do Rosário, uma justaposição de elementos devocionais africanos (em especial bantos) e elementos europeus (santos católicos). A comunicação com o sagrado é feita através de cantos conduzidos por tambores que chamam as entidades e, como na cosmologia congoleza, a esfera dos espíritos não está dissociada do mundo dos vivos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

A documentação mais antiga de coroação de reis congos no âmbito das irmandades de Nossa Senhora do Rosário de que se tem notícia no Brasil data de 1674, no Recife. Em Minas Gerais e Goiás, a ereção das irmandades de negros, pardos e crioulos acompanha de perto o estabelecimento dos arraiais e das vilas e a festa começa a apresentar elementos que apontam na direção de uma morfologia próxima da atual na virada do século XVIII para o XIX (levantamento do mastro, procissão com música, gasto crescente com pagamento de caixeiros), consolidando esta forma a partir da segunda metade do século XIX. Do final do XIX até 1925, a festa tem seu auge, perdendo importância daí em diante em função das tendências de secularização e de proibições da Igreja - chegando a desaparecer em várias localidades. Na década de 70, com a valorização dos estudos de folclore no meio acadêmico e a atuação da FUNARTE na área de cultura popular, a festa passa por um período de relativo prestígio.

Finalmente, a partir de meados da década de 90, ganha novo impulso com o contexto de revalorização da cultura popular como reação à homogeneização global; reação que se expressa pelo fascínio com a diferença e a consequente sedução das especificidades locais, regionais, étnicas, lingüísticas etc. No final deste percurso, nas cidades em que foi preservado, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário passa a se deparar com um novo problema: ser visto como reminiscência de tempos antigos, cujo sentido se perdeu no processo, como objeto cristalizado, desvinculado do dinamismo do presente, enfim, como um evento *folclórico*. Em função desta conotação restritiva às vezes associada ao termo folclore, ele será evitado neste estudo. Além disso, para muitos reinadeiros e congadeiros, o termo não é bem visto, pois implica atitude minimizadora ou equivocada frente à sua prática religiosa. Alguns chegam a usá-lo pejorativamente para demarcar suas diferenças com relação a aqueles que se distanciam dos fundamentos sagrados, aderindo a uma tendência de espetacularização na qual os rituais descontextualizados acabam contribuindo para descaracterizar suas funções básicas e desvirtuar seus objetivos.

O ciclo da mineração, que em Goiás foi breve, deixa registros da festa em cidades como Vila Boa (Cidade de Goiás), São José do Tocantins (Niquelândia), Arraial da Meia Ponte (Pirenópolis). Destas, parece que ela permaneceu apenas em Niquelândia. Por outro lado, com a expansão da fronteira agrícola para Goiás, a festa também penetra no sul do Estado (Catalão, Pires do Rio), vinda especialmente do Triângulo Mineiro (Araxá e Uberlândia), mas também com contatos em Candeias e Campo Belo. Assim, em Catalão, a origem da festa data do final do século XIX, período da expansão da fronteira agrícola para Goiás.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Uma imagem de Nossa Senhora do Rosário foi encontrada por pessoas brancas e negras no período do Brasil escravista. Após várias tentativas de vigários, bandas de música, negros “do Congo”, “africanos”, catopezeiros, vilãozeiros e moçambiqueiros para tirá-la dali, a Santa resolveu sair seguindo o terno de Moçambique. Diz a narrativa que isso se deu em função dos moçambiqueiros serem o grupo mais simples e humilde e terem tocado a música, com sua percussão “metálica” de patangomes e gungas, que mais agradou Nossa Senhora do Rosário. Ainda assim a disputa pela imagem da santa com os brancos continuou até a construção, pelos moçambiqueiros, de um “nicho” para a santa. A partir desse episódio ficou mais evidente a predileção de Nossa Senhora do Rosário pelos negros, fossem eles Congos ou Moçambiqueiros. Após esse encontro mítico, os Moçambiqueiros adquirem o direito de trazer, durante os cortejos das congadas, a coroa de Nossa Senhora do Rosário, que pode ser seguida de um andor com sua imagem. A sua frente vêm os congos e mais adiante os ternos de Vilão, Catopé - Cacunda e Penacho.

A encenação do mito, ainda que pontuada por recriações, se mantém com base em um tempo cíclico, e em rememorações de uma África, geralmente centro-ocidental (Congo, Angola, Moçambique) e mítica (Aruanda). É forte também a referência que se faz à travessia atlântica dos africanos, à escravidão e ao momento da abolição. Cantando lembranças do tempo em que eram cativos (*Vovó não quer a cumbuca de coco no terreiro / porque traz a lembrança / a lembrança do cativo* – Canto do Moçambique) e cantos de louvação a Nossa Senhora do Rosário (*Quem vai mandar no mundo / eu sei quem é / É Nossa Senhora / se Deus quiser*), os congadeiros reatualizam a memória e sua identidade coletiva.

Durante a festa, o homem oprimido se faz poderoso. Se transforma em escravo e refaz sua trajetória até a África. À medida que experimenta o mito através dos ritos, deixa o tempo cronológico e profano e penetra no tempo sagrado, que é simultaneamente primordial e recuperável a qualquer momento e para sempre. Assim, a reencenação dos ritos permite que o tempo individual seja unido ao tempo cósmico.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Fim do séc.XIX	Período da expansão da fronteira agrícola para Goiás. Momento em que as Congadas penetram no sul do Estado (Catalão, Pires do Rio), vindas especialmente do Triângulo Mineiro.
1936 - 1951	Construção da Capela de Nossa Senhora do Rosário
1953	Chegada do Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês
1970	Fundação do Catupé Cacunda São Benedito
1979	Reorganização da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Catalão
1995	Construção do Centro do Folclore pela prefeitura
1996	Fundação do Catupé Cacunda Nossa Senhora do Rosário
2002	Fundação do Catupé
2008	Fundação do Catupé Cacunda Santa Efigênia

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS****10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO**

ETAPA	ATIVIDADE
	Não se aplica

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES (CATUPÉ)

STATUS	FUNÇÃO
1º Capitão	O primeiro capitão é uma das figuras mais importantes para a congada. É responsável pelo terno e pelos instrumentos, e por aceitar novos dançadores. Tendo o apito como instrumento de comando, é ele quem puxa o canto e é responsável pela condução do grupo.
2º Capitão	O segundo capitão é o ponto de apoio do primeiro capitão e tem as mesmas responsabilidades.
Meirinho	Posiciona-se no meio do terno e tem a responsabilidade de ajudar os dançadores a não se perderem nas coreografias.
Dançadores	Dançam se posicionando em duas filas e tocam um pequeno pandeiro. Respondem os cantos e fazem as coreografias da Congada.
Bandeirinhas	São encarregadas de levar o estandarte. Para ser bandeirinha é necessário que a menina seja virgem, configurando, assim, uma relação entre a pureza das bandeirinhas e de Nossa Senhora do Rosário. No entanto, esse requisito já foi muito mais valorizado nos tempos mais antigos.
Sanfoneiro	O sanfoneiro é responsável pela harmonia musical do terno. Posiciona-se geralmente no meio do terno, próximo aos caixeiros, podendo, no entanto, andar por todo o grupo.

10.4. Principais participantes (Reinado)

Status	Função
Rei	O Rei, juntamente com a Rainha, compõe a autoridade máxima da congada. O Reinado é responsável por acompanhar a coroa de Nossa Senhora do Rosário.
Rainha	A Rainha, juntamente com o Rei, compõe a autoridade máxima da congada. O Reinado é responsável por acompanhar a coroa de Nossa Senhora do Rosário.
Príncipes e Princesas	São integrantes da Família Real e acompanham o Rei e a Rainha em todos os trajetos.
General	O General é responsável pela organização das atividades da Congada. Tem autoridade sobre os capitães de cada terno.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

Guarda Coroa	Os guarda coroa são duas pessoas responsáveis pela segurança da coroa de Nossa Senhora do Rosário, zelando por sua integridade. Geralmente permanecem no cargo até seu falecimento. Em Catalão, essa função é destinada exclusivamente a homens.
Festeiros	Os festeiros são responsáveis pela organização material da Festa de Nossa Senhora do Rosário. São responsáveis pela arrecadação das prendas para os leilões e pelo provimento da alimentação dos congadeiros durante a festa.

10.5. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	NÃO SE APLICA
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO	

10.6. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	NÃO SE APLICA
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
DISPONIBILIDADE	

10.7. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Café da manhã depois da Alvorada (madrugada de quinta para sexta-feira do primeiro fim de semana de outubro. Primeiro dia da festa). Após a Alvorada é servido um café da manhã no Centro do Folclore para os congadeiros, os membros da irmandade, o padre e seus ajudantes. Em um momento posterior o Centro é aberto às demais pessoas da comunidade presentes. O café da manhã consta, geralmente, de bolo de fubá, biscoito de goma e suco. Na mesa da Família Real existe uma maior variedade de bolos e biscoitos.
QUEM PROVÊ	Prefeitura, festeiro do ano e sua comissão, composta por aproximadamente vinte casais colaboradores.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O café da manhã após a Alvorada tem um sentido de comunhão, ainda mais se levarmos em conta que é nessa função que ocorre a primeira saída dos ternos durante o ano. É o momento de integração não só entre os componentes de um mesmo terno, mas também entre todos que fazem parte da Congada e da festa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

10.8. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Almoço. Não existe um cardápio constante. Os pratos variam a cada ano, com exceção do macarrão e da “pelota” (almôndega bovina) que são imprescindíveis, segundo os congadeiros.
QUEM PROVÊ	Pode ser oferecido tanto pela prefeitura e a comissão de festeiros, quanto por algum morador como pagamento de promessa ou em agradecimento pelas bênçãos recebidas.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As refeições da Festa fazem parte das obrigações dos festeiros e tem um sentido de comunhão e de reforço dos laços entre os membros da irmandade pela troca estabelecida.

10.9. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Café. É um lanche oferecido aos congadeiros durante uma visita. Nele são servidos biscoitos, roscas, café, água, refrigerante e sorvete. Nos tempos mais antigos era comum servir um gole de aguardente.
QUEM PROVÊ	É oferecido pelos moradores da casa que convidam o terno para uma visita, geralmente fruto de uma promessa.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O café tem função de agrado e retribuição pela visita. Para os ternos é um momento de breve parada e descanso durante a Festa.

10.10. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	Bandeiras de pano sustentadas por um estandarte com a imagem do santo de devoção do grupo
QUEM PROVÊ	Integrantes dos ternos, Capitães, Donos dos Ternos e pessoas da comunidade como doação
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Presentificam os santos. São as guias da Congada e primeiro objeto de reverência. Cada terno carrega a bandeira com os respectivos santos que dão nome ao grupo.

10.11. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	Coroa. É feita em ouro maciço.
QUEM PROVÊ	É pertencente à Irmandade de Catalão e passa, simbolicamente, do festeiro de um ano para o festeiro do ano seguinte. Durante o ano a coroa fica guardada no cofre de um banco.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO		--	--	--	--	F40	--
---	--	----	----	----	----	-----	----

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Nas sociedades centro-africanas na época do tráfico de escravos, era responsabilidade dos reis e rainhas cuidar da bem aventurança do grupo, garantindo a harmonia da vida nesta esfera física / natural, o que se fazia na esfera religiosa pela conjuração dos bons espíritos e invocação dos ancestrais protetores. Esta função de líder religioso, que implica o poder de comunicação entre o mundo físico / natural e o sobrenatural, dos espíritos e entidades, benévolas e malévolas, mundos deveras próximos na cosmologia banta com enorme importância do segundo sobre o primeiro, também é um atributo dos reis, que conservam parte das prerrogativas dos feiticeiros, sacerdotes, xamãs etc. E este poder dos reis é comunicado às insígnias da realeza, que passam a ser igualmente veneradas. Há ainda o papel tradicional de liderança que os reis negros e reis do Congo exerciam sobre a população negra – escrava, liberta ou livre – no período da colônia e do império, cuja reminiscência se faz presente na festa. O ritual de entrega da coroa configura uma cerimônia simbólica, onde ocorre a transmissão da responsabilidade pela festa do festeiro atual para o festeiro do ano seguinte.
-------------------------	---

10.12. FIGURINOS E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês: sua farda composta de camisa amarela e saia preta. O cinturão das bandeirinhas não possui fitas e é feito com cetim vermelho. Catupé Cacunda São Benedito: a farda constitui camisa azul e calça ou saia verde. O cinturão das bandeirinhas não possui fitas e é feito com cetim branco. Catupé de Nossa Senhora do Rosário: farda composta de camisa branca e calça preta. As bandeirinhas vestem saias pretas e cinturão vermelho. Catupé Penacho: farda composta de camisa roxa com detalhes brancos e calça ou saia preta. O cinturão do Penacho diferencia-se dos demais catupés por ser feito de cetim branco tanto para dançadores quanto para bandeirinhas e não possuir as fitas características. Catupé de Santa Efigênia: a farda é composta de camisa prata e saia ou calça preta. O cinturão das bandeirinhas é feito com cetim nas cores prata e preto.
QUEM PROVÊ	Geralmente quem provê as fardas é o capitão ou os dançadores do terno. Pode ser, também, doação de moradores da comunidade.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As fardas compõem a identidade visual do terno. É um traje ritual, que marca a solenidade das funções da Festa e as separam dos eventos corriqueiros, cotidianos, contribuindo assim para demarcar o território do sagrado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

10.13. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	O Catupé é conhecido por suas coreografias típicas, mais ligeiras e saltadas e ainda por alguma irreverência. Mesmo os cantos entoados por outros ternos assumem uma maior velocidade quando apropriados pelos catupezeiros. Os pandeiros, instrumentos tocados por todos os dançadores, ajudam a compor a paisagem coreográfica e musical do grupo.
QUEM EXECUTA	No geral as danças são executadas pelos dançadores, mas em algumas coreografias os caixeiros também participam.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A louvação à santa por meio de cantos e danças, conduzidos pelo ritmo das caixas e outros instrumentos percussivos, é típica das manifestações religiosas de origem afro-brasileira. Trata-se de manifestação religiosa conduzida pelo canto e pela dança. O “trabalho” do congadeiro é louvar a santa, cantando e dançando.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

10.14. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Cantos gerais do Catupé <i>Agora eu quero ver / os dançadores fazer / Assim, assim, assim / Do jeito que a gente faz / Agora eu quero ver / As bandeirinhas fazer / Assim, assim, assim / Do jeito que a gente faz</i> (Terno de Catupé Amarelo e Preto) <i>Negão, negão / Bate o pé e a palma da mão</i> (Terno de Catupé Amarelo e Preto) <i>Êh sereia / Eu quero pisar na areia / Se eu pisar no chão afunda / e a terra balanceia</i> <i>Eu sou um africano / que vim para o Brasil contra a vontade / trabalhar na escravidão de dia e de noite / sem poder ter liberdade</i> <i>Chegou, chegou / Nego véio, Catupé chegou</i> <i>Linda goiana / sai na janela / Meu catopé / que coisa bela</i> Os catupés são conhecidos por sua irreverência. Mesmo os cantos entoados por outros ternos assumem uma maior velocidade quando apropriados pelos catopezeiros.
QUEM PROVÊ	Alguns cantos são muito antigos, tornando difícil a identificação de sua autoria, sendo, assim, patrimônio coletivo do grupo. O capitão, com o apito, dá a marcação para as caixas e puxa o canto. Os dançadores, nas caixas e pandeiros, fazem a resposta.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A louvação à santa por meio de cantos e danças, conduzidos pelo ritmo das caixas e outros instrumentos percussivos, é típica das manifestações religiosas de origem afro-brasileira. Trata-se de manifestação religiosa conduzida pelo canto e pela dança. O “trabalho” do congadeiro é louvar a santa, cantando e dançando. A música é elemento fundamental no Congado. Os cantos são como mantras, sendo fundamentais na construção da aura sagrada que envolve os ternos e as pessoas que entram em sintonia, sendo também expressão forte de uma herança africana. Cada função na festa tem cantos específicos para aquele momento: o som constante preenche os espaços sagrados, multiplicando-os em todas as direções através de seu alcance, ampliando e transcendendo seus limites até as dimensões do sagrado. Vibra nos integrantes das guardas, unindo-os numa mesma pulsação que será a base para os movimentos corporais de sua dança e para a melodia de seu canto; o que faz da música um sinal de coesão do grupo (Glaura LUCAS <i>Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá</i>. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002). Os cantos gerais do Catupé são cantos para os festeiros durante as visitas e/ou almoços. Não tem um momento ritual obrigatório.
-----------------------------	--

10.15. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Cantos de chegada <i>Nego, nego, nego, nego, nego / Catupé chegou</i> (Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês) <i>Cidadão seu nego chego / Cidadão seu nego chego / De camisa engomada / e botão de fulô / Cidadão seu nego chego</i> (Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês) <i>Ôh de casa / Ôh de fora / Mas eu estou chegando agora / Vim trazer Nossa Senhora / Ôh de casa / Ôh de fora</i>
QUEM PROVÊ	Alguns cantos são muito antigos, tornando difícil a identificação de sua autoria, sendo, assim, patrimônio coletivo do grupo. O capitão, com o apito, dá a marcação para as caixas e puxa o canto. Os dançadores, nas caixas e pandeiros, fazem a resposta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os cantos de chegada são entoados na chegada na casa a ser visitada ou em algum outro espaço da festa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

10.16. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Cantos de despedida <i>Meu irmão eu vou embora / Até o ano que vem / Quem parte soluça e chora / Quem fica chora também</i> <i>Adeus, adeus / eu vou embora / fica com Deus e Nossa Senhora / Se a morte não me levar, até o ano que vem / Chorou caboclo / acabou também</i>
QUEM PROVÊ	Alguns cantos são muito antigos, tornando difícil a identificação de sua autoria, sendo, assim, patrimônio coletivo do grupo. O capitão, com o apito, dá a marcação para as caixas e puxa o canto. Os dançadores, nas caixas e pandeiros, fazem a resposta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O canto de despedida é entoado no momento que o terno deixa a casa onde fez a visita.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

10.17. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Caixas - a caixa do catupé é maior que as caixas dos Congos e Moçambiques. Geralmente os ternos utilizam cerca de seis caixas, que podem ser feitas de materiais diversos. Em Catalão é comum encontrarmos caixas feitas de metal e madeirite, e metal e latão. Elas podem ser afinadas por cordas ou por parafusos, de acordo com cada modelo.
QUEM PROVÊ	Os próprios integrantes dos ternos, capitães e donos dos ternos. Também pode ser doação de algum morador da comunidade.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As caixas estão presentes em todos os ternos e marcam seu ritmo característico. São instrumentos utilizados para louvar a Nossa Senhora do Rosário.

10.18. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Pandeiros. Na maioria das vezes são feitos de cano de PVC, tampinha de garrafa e couro.
QUEM PROVÊ	Os pandeiros, assim como as caixas, podem ser feitas com recursos próprios dos integrantes dos ternos e a partir de doações recebidas.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os pandeiros executam, junto com as caixas, os ritmos próprios do Catupé. Seus tocadores participam das danças.

10.19. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Apito. Pequeno instrumento de sopro.
QUEM PROVÊ	Os capitães dos ternos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O apito é utilizado por todos os capitães dos ternos para dar os comandos e marcar a batida das caixas.

10.20. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Tarol
QUEM PROVÊ	Os capitães dos ternos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O tarol é utilizado pelos capitães dos Catupés para marcar o ritmo do terno. Não é um instrumento específico da congada

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

10.21. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Sanfona
QUEM PROVÊ	Geralmente as sanfonas são propriedade particular de cada sanfoneiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A sanfona sustenta a melodia do canto puxado pelo capitão. Não é específica da congada.

10.22. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Capitão	Guardar os instrumentos. Fabricar e encomendar, se necessário, novos instrumentos.
Congadeiros	Desapertar os parafusos de afinação das caixas e guardá-las. Os trajes são de responsabilidade individual de cada congadeiro.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR	Não se aplica
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ☒ X	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐	
MODOS DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Todos os ternos em Catalão participam da Associação das Congadas. A Associação foi criada para que pudessem participar de projetos, uma vez que a Irmandade é uma entidade filantrópica. A associação está em processo de reformulação.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS**15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS****15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

ARCANJO, Flávio. **O Rufar das Caixas**: Sincretismo e Identidade Negra em Catalão através das Congadas. 2003. 96p. Dissertação (Mestrado em Teologia e Filosofia) – Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2003. (Inclui fotos e mapas).

AROUCA, Cláudio. **CATALÃO: FESTAS E TRADIÇÕES**. São Paulo: DBA, 2005. (Inclui fotos).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Ed. da UFG, 2004, 412p.

_____. **Peões, pretos e congos**: trabalho e identidade étnica em Goiás. Goiânia: Ed. Oriente/Brasília: Ed. Da UnB, 1977, 248p.

_____. **A festa do santo de preto**. FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore. Goiânia: Ed. da UFG, 1985. (Inclui fotos, croquis e entrevistas).

CARMO, Luiz Carlos do. **SALVE O ROSÁRIO, O ROSÁRIO SALVE**: Sentidos e modos de viver das populações negras no Brasil Central. Tese de doutorado em História. São Paulo, PUC, 2005 (Inclui fotos).

CARMO, Luiz Carlos do & MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. As Congadas de Catalão: as relações, os sentidos e valores de uma tradição centenária. Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2008, 348p.

FONSECA, Luiz Cláudio Abreu. **As Práticas Discursivas dos Sujeitos da Congada e da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão - Go**. Dissertação de Mestrado em Letras. Goiânia: UFG, 2000. 99 f. (Mestrado em Letras). (Acompanha material audiovisual).

KATTRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **NOS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO**: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário Catalão-GO (1936-2003). Dissertação de mestrado em História. Uberlândia: UFU, 2004. (Inclui fotos).

MACEDO, Robson Antônio. **Congada de Catalão**. Catalão: Editora do Autor, 2007. 100p. (Inclui fotos).

MENDONÇA, Luiza Martins de. **Dançadores do Rosário e caminho cultural dos sujeitos**. 1999. 268f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999. (mimeo).

PAULA, Maria Helena de. **Cantigas das Congadas de Catalão** – Aspectos lingüísticos e identidade cultural. Dissertação de Mestrado em Letras e Lingüística. Goiânia: UFG, 2000, 94 f.

RODRIGUES, Ana Paula Costa. **Corporeidade, cultura e territorialidades negras**: a Congada em Catalão – Goiás. Dissertação de mestrado em Geografia. Goiânia: IESA/UFG, 2008, 120p. Com fotos e mapas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Há registros audiovisuais dos ternos de Moçambique de Catalão nos seguintes documentários:

Congadas de Catalão (Cara Vídeo, 2004);

Imagens da Festa Popular – A congada de Catalão – GO (Cláudio Fonseca, 1998).

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Há registro fotográfico dos Moçambiques de Catalão nas seguintes obras (cf. anexo de bibliografia):

AROUCA, 2005, p.49; 64; 90 - 91;

MACEDO, 2007, p. 02 – 03; 23; 48 - 49; 72 - 73.

Acervo LaGENTE/IESA/UFG. Coordenação: Alex Ratts. Fotógrafos: Alex Ratts, Ana Paula Rodrigues, Douglas Silva e Raquel Fabeni.

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Segundo a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Catalão, a Congada, no município, existe há 132 anos. A equipe de pesquisadores do Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico, Raciais e Espacialidades – LaGENTE/IESA/UFG, notadamente seu coordenador Alex Ratts e as pesquisadoras Marise Vicente de Paula e Ana Paula Rodrigues, já realizava investigação há cerca de quatro anos sobre a Congada de Catalão. A pesquisa para o Inventário das Festas de Nossa Senhora do Rosário e Congados no Estado de Goiás trouxe bastante aprofundamento acerca do ritual. Constatou-se que, apesar de muitas monografias, dissertações e pesquisas realizadas sobre a Congada em Catalão, há uma necessidade de investimento em publicações e produções audiovisuais de maior circulação.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	JOÃO BATISTA DE SOUZA, CARLOS FRANCISCO ROSA DA SILVA
PESQUISADOR(ES)	ANA PAULA COSTA RODRIGUES, ALEX RATTTS
SUPERVISOR	ALEX RATTTS, SEBASTIÃO RIOS, TALITA VIANA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

REDATOR	ANA PAULA COSTA RODRIGUES, ALEX RATTIS	DATA 11/12/2008
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	SEBASTIÃO RIOS	